

Provavelmente nenhuma discussão entre os adventistas do sétimo dia tem produzido mais calor e menos luz do que as várias interpretações sobre a batalha profética do Armagedon e o apocalíptico “rei do norte”, um tema geralmente associado com a discussão.¹ Contudo, a maioria dos adventistas concordaria que, ao contrário da doutrina do segundo advento de Cristo, estes não são ensinamentos vitais de nossa igreja. Então, por que esta questão tem sido tão controversa e por que haveríamos de discuti-la agora? As razões são simples: como povo, estamos comprometidos com a Bíblia e estamos profundamente interessados em suas profecias; contudo, nossa história pode prover lições para ajudar-nos a evitar envolver-nos em controvérsias desnecessárias, que desviam a atenção para especulações fúteis.

O Contexto Milerita

Para entender os ensinamentos proféticos adventistas, devemos começar com nossas raízes mileritas. Quando Guilherme Miller, um pregador batista do início do século dezenove, enfatizou as profecias, ele seguiu a maior parte da então prevalente interpretação protestante, vendo nos eventos correntes o cumprimento das profecias bíblicas. Miller concordou com a posição protestante sobre as sete pragas de Apocalipse 16: que cinco destas já estavam no passado, a sexta estava em processo de cumprimento, e apenas a sétima estava no futuro. O Eufrates representava o império turco, ou o islamismo. Contudo Miller divergia de seus contemporâneos protestantes com relação a outros símbolos de Apocalipse 16:2-16. Conseqüentemente, “os reis no oriente” eram, conforme sua interpretação, as nações da Europa; os “três espíritos imundos” eram os três poderes políticos ímpios; “o dragão”, representava os reis da Terra; “a besta”, a igreja de Roma; e “o falso profeta”, o islamismo.

Miller ensinava que estas três entidades haveriam de levar todas as nações ao Armagedon, uma batalha que haveria de envolver um conflito religioso bem como político. Cria que a batalha haveria de ser travada principalmente nos Estados Unidos. No clímax desta luta Cristo haveria de vir, destruindo Seus inimigos e separando os ímpios dos justos. Com relação ao último poder de Daniel 11, Miller cria que este representava Napoleão Bonaparte.²

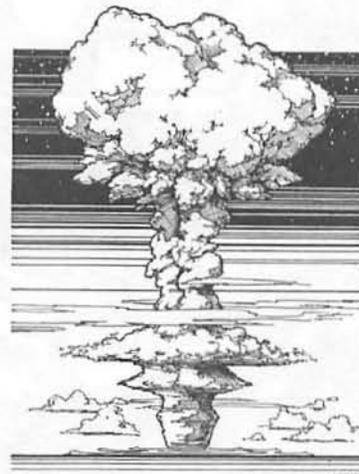
Nem todos os mileritas concordavam com a interpretação de Miller. Josias Litch, um dos principais assistentes de Miller, era um destes. Litch cria que no segundo advento, os justos seriam levados ao mar de vidro (não ao Céu). Ali Cristo organizaria

Seu reino. Depois do segundo advento as pragas haveriam de cair sobre os ímpios.

A respeito da sexta praga, Litch disse que o Eufrates haveria de secar-se literalmente, para preparar o caminho dos “reis do oriente”. Seguindo-se a isto, os três “espíritos imundos”, (o islamismo, o dragão; o papado, a besta; e a infidelidade, o falso profeta) haveriam de literalmente reunir os reis da Terra na Palestina para combater a Cristo na batalha do Armagedon. A batalha seria travada sob as sete pragas e resultaria com os ímpios sendo expulsos de Jerusalém por Cristo e Seus santos. Com relação ao “rei do norte”, de Daniel 11, Litch concordava com Miller que este era Napoleão Bonaparte.

A Posição Adventista Primitiva

Quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia emergiu do desapontamento milerita de 1844, os adventistas não consideraram o Armagedon e o rei do norte questões vitais.



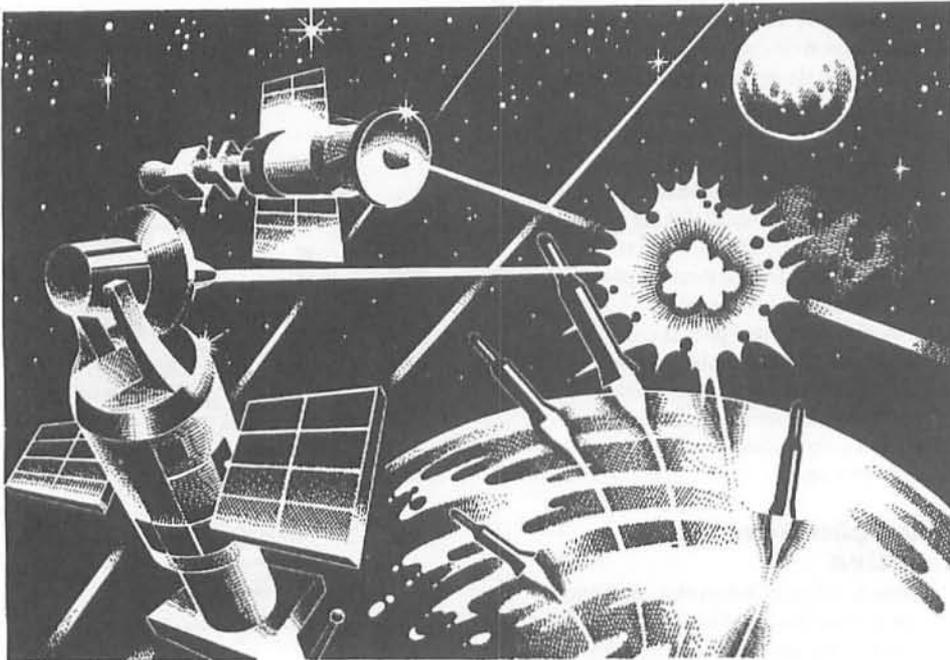
O Armagedon:

Mudança de Opiniões Sobre a Batalha Final

Contudo, o tempo das pragas foi assunto de dedicado estudo e discussão. Assim que cedo em 1846, provavelmente por causa das visões de Ellen Harmon (posteriormente White), os adventistas consideraram as pragas como eventos futuros, mas precedendo o advento. Esta interpretação diferenciava-se tanto de Miller como de Litch, e permaneceu, desde então, normativa entre os adventistas do sétimo dia.

Mas sobre o Armagedon, diferentes posições prevaleceram. Ainda em 1847, José Bates ensinava que a futura “poderosa batalha [estava] prestes a restaurar a guarda do sétimo dia”.³ Em 1848, o surgimento do espiritismo causou impacto nas interpretações adventistas. Um ano depois

Donald E.
Mansell



© 1986 VOLK

foi mostrado a Ellen White em visão que o espiritismo era de origem satânica. Em 1852, George W. Holt identificou o espiritismo como a força que haveria de reunir os reis da Terra para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso.⁴

Contudo surgiram várias questões: se os espíritos diabólicos estão cumprindo agora os eventos da sexta praga, como podem as pragas ser futuras? Uriah Smith respondeu que a obra do espiritismo era preparatória. Antes que os espíritos pudessem ter absoluto controle sobre os ímpios, tal como induzi-los para a batalha contra Deus, eles devem primeiro ganhar controle entre as nações, e isto era o que eles estavam presentemente fazendo.⁵

Em 1853, Otis Nichol, um dos primeiros pioneiros, identificou o papado como o poder de Daniel 11:45.⁶ Esta continuou sendo a interpretação adventista por quase duas décadas.

Virtualmente todos os pioneiros mantinham que o Armagedon haveria de culminar com o confronto entre as forças do bem e do mal sobre a questão do sábado. No clímax desta batalha, Cristo haveria de intervir e resgatar o Seu povo combatido.

Esta posição, contudo, passou por uma mudança gradual em 1857, com Uriah Smith interpretando o Eufrates como sendo o país através do qual o rio flui; isto é, o império turco. Smith admitiu que esta posição não ajudará a muitos.⁷ Tal interpretação lançou o fundamento para a crença de que sob a sexta praga, as nações haveriam de se reunir na Palestina para a batalha final.

Em 1862, Smith estava ensinando uma classe da escola sabatina na igreja de Battle Creek. Tiago White era membro desta classe. As lições estudadas tratavam sobre o livro do Apocalipse. White, neste tempo editor da *Review*, referiu-se à discussão da classe em sua revista, observando que “todos...[chegaram] quase à mesma conclusão em quase todos os pontos”.⁸ Logo depois disto, White escreveu na *Review* uma série de comentários verso-por-verso sobre o Apocalipse. Na medida em que o tempo passou, devido às pesadas responsabilidades de White e seus problemas de saúde, os

comentários tornaram-se apenas esboços superficiais. Em outubro de 1862, ele passou tal série de comentários para Smith.

A Nova Posição Quanto ao Rei do Norte

Smith completou a série em 1865, e dois anos depois publicou-a em um livro, *Thoughts, Critical and Practical, on the Book of Revelation*. O livro tornou-se tão popular que Smith preparou um trabalho semelhante ao livro de Daniel. Ele completou a série sobre Daniel na *Review* pelos meados de 1871, e mais tarde publicou-as em um livro.

Até novembro de 1867, Smith mantinha a interpretação adventista geralmente aceita de que o papado era o rei do norte.⁹

Mas em um editorial publicado naquele mês, ele começou a mudar seu pensamento e afirmou que o rei do norte tanto poderia ser o papado como a Turquia. Esta ambivalência manifestou-se novamente em março de 1871, em seu comentário sobre Daniel 11:40-45. Contudo, algumas semanas depois, ao comentar sobre Daniel 12:1, ele concluiu que a Turquia era o rei do norte.

Por volta de 1873, Smith mantinha que o papado nunca mais haveria de desempenhar um papel significativo nas questões terrestres.¹⁰ A assimilação do Estado do Vaticano pela Itália e a “moribunda” condição da Turquia levou-o a esta conclusão. Desde então, ele começou a “esperar eventos importantes” no oriente médio, como cumprimento de Daniel 11. Logo começou a predizer que o fim da Turquia estava iminente; e com o desaparecimento da Turquia, Miguel haveria de levantar-se (Daniel 12:1). Isto significaria o fim do tempo da graça, o que seria seguido pelo segundo advento de Cristo.¹¹

A posição e as predições de Smith com relação à Turquia desgostaram a Tiago White. Tendo passado pelo desapontamento de 1844, ele era cauteloso acerca de estabelecer predições detalhadas, baseadas em profecias não cumpridas. Repetidamente ele advertiu os adventistas a serem cuidadosos.¹² Em 1877, a Rússia declarou guerra contra a Turquia, a qual foi considerada o “enfermo do oriente”. Em junho de 1878, Smith escreveu que “estamos chegando aos momentos preliminares da grande batalha do Armagedon”.¹³ Isto foi demais para White. O choque entre os dois ocorreu durante a

campal que precedeu a Assembléia Geral da Associação Geral de 1878.

Smith apresentou à audiência da campal que a guerra russo-turca, então em progresso, desenvolver-se-ia no longamente esperado Armagedon. Quando Smith terminou seu discurso, Tiago White falou por 70 minutos refutando a posição de Smith. White argumentou que se Daniel 2, 7 e 8 são paralelos, então o último poder de Daniel 11 deve ser também Roma pagã-papal e não a Turquia.

White publicou sua refutação na *Review* de 3 de outubro de 1878, sob o título "Onde Estamos Agora?" Tal artigo deveria ter continuação, o que não aconteceu. William C. White relatou mais tarde que um dia ou dois depois da publicação desta refutação, à sua mãe em visão foi mostrado que seu esposo havia errado em discordar publicamente de Smith. Ela aconselhou-o sobre a questão. Tiago aceitou sua repreensão como vinda de Deus e descontinuou seus artigos.¹⁴ Isto contudo não significava que Ellen White aprovava a posição de Smith, ela apenas desaprovou a discordância pública, expressa por Tiago White, sobre a questão.

A Posição de Smith Torna-se Predominante

Tiago White faleceu em 1881. O mesmo ano em que os livros de Smith, *Daniel and the Revelation*, foram publicados em um volume. A posição de Smith quanto ao Armagedon e o rei do norte, com certas modificações, tornaram-se o ensino predominantemente aceito até 1952.

Smith faleceu em 1903. Um pouco depois, George I. Butler, antigo presidente da Associação Geral, promoveu a idéia de que o Armagedon seria uma batalha do oriente contra o ocidente. Sua razão? A vitória do Japão na guerra russo-japonesa de 1904-1905. Esta posição, contudo, não foi muito popular até a década de 1920.

A Posição da Primeira Guerra Mundial Até 1923

Durante a Primeira Guerra Mundial e por vários anos depois, a natureza espiritual do Armagedon foi completamente obscurecida pela ênfase num conflito militar na Palestina. Muitos estadistas e analistas políticos referiram-se à guerra do Armagedon. Inicialmente os adventistas rejeitaram tal identificação pela simples razão de que as pragas não haviam iniciado a cair e isto não poderia acontecer até que a Turquia chegasse ao seu fim.

Contudo, quando se tornou claro no final de 1914 que a entrada da Turquia na guerra estava iminente, o primeiro ministro inglês, Lord Asquith, declarou que a Turquia tinha assinado sua sentença de morte, alguns adventistas começaram a pregar que a guerra deveria desenvolver-se no Armagedon. Arthur G. Daniels, então presidente da Associação Geral, chegou mesmo a predizer que o fim da guerra haveria de ver a morte da Turquia.¹⁵

Os eventos da segunda metade de 1917 fizeram com que estas predições parecessem prestes a se cumprir. A guerra se desenvolvia desfavorável para os turcos e a batalha tomava formas ao redor de Jerusalém. Havia rumores de que os turcos planejavam mudar sua capital de Constantinopla para Jerusalém. A intensa expectativa de alguns adventistas de que o regresso do Senhor estava iminente era evidente em nossas publicações deste período.¹⁶

Mas em 9 de dezembro de 1917, as forças britânicas tomaram Jerusalém sem um único tiro e tornou-se evidente que os turcos não iriam estabelecer os "tabernáculos de seu palácio entre os mares no glorioso monte santo".

A Conferência Bíblica de 1919

Em 1918, a guerra chegou ao final. Mas logo irromperam as hostilidades entre a Turquia, Grécia e alguns aliados. Parecia que "o enfermo do oriente" estava em seu leito de morte, mas a Turquia continuava lutando. À sombra destes eventos, a Associação Geral convocou a Conferência Bíblica de 1919, em Takoma Park, Maryland, Estados Unidos. Embora outras questões importantes fossem discutidas, a assim-chamada Questão Oriental foi o tema predominante. Como participante, H. Camden Lacey, um professor de Bíblia do Columbia Union College descreveu, "[A interpretação de] Daniel 11 é a maior questão entre nós no tempo atual". Muitos dos que falaram na conferência favoreciam a posição de que o papado era "o rei do norte". O presidente da Associação Geral, contudo, estava convencido de que os gregos ainda haveriam de derrotar a Turquia, e foi capaz de persuadir os presentes a manterem a posição atual. A igreja manteve tal posição por muitos anos.

Interpretações em Confusão

Em outubro de 1922, o império otomano entrou em colapso, e de suas cinzas ergueu-se a desafiadora república da Turquia, a qual lutou pela vitória e em 1923 ditou os termos do Tratado de Lausanne, para a humilhação dos aliados. Os adventistas ficaram humilhados. Mas o pior estava por vir. Em março de 1924, a Turquia aboliu o califado. Desde então ela não mais reivindicou ser o líder espiritual do islamismo. Apesar disto, a maioria dos adventistas manteve adesão à idéia de que a Turquia iria desempenhar um papel no cumprimento profético de Apocalipse 16:12. Afinal, ela ainda controlava as nascentes do Eufrates!

Esta reversão desconcertante levou alguns adventistas a questionar a interpretação tradicional sobre o Armagedon e o rei do norte mantida pela igreja. Na medida em que estudavam os escritos de Ellen White chegavam à conclusão de que o Armagedon é a batalha entre Cristo e Satanás e seus seguidores, sobre questões espirituais, e que tal batalha estava intimamente relacionada com o segundo advento de Cristo. A maioria dos adventistas, contudo, continuou mantendo a posição militar, mas agora, devido às tensões trazidas pelo surgimento do Japão como um poder naval e a dissiminação do comunismo russo, houve um retorno à interpretação de Butler quanto ao conflito Oriente versus Ocidente.¹⁷

Além disto, a Segunda Guerra Mundial definiu as linhas de separação entre os poderes mundiais, não como Oriente versus Ocidente, mas Eixo contra Aliados. Isto teve seu efeito na interpretação profética, na medida em que os adventistas começaram a ver o Armagedon como um conflito, não entre poderes do mundo, mas entre Cristo e Satanás. Eventualmente alguns excluíram uma conflagração militar e enfatizaram um conflito de natureza espiritual entre Cristo e Satanás e seus seguidores. Embora tensões marcassem o debate entre aqueles que mantinham estas posições opostas, gradualmente, com algumas modificações, a posição "espiritual" ou "nova posição" ganhou ascendência, como evidente na

Conferência Bíblica de 1952.¹⁸ A modificação enfatizou que enquanto a batalha era entre Cristo e Satanás, o Armagedon incluía também aspectos físicos.

Enquanto a Conferência Bíblica de 1919 articulou uma posição, a de 1952 focalizou a outra. Estas conferências foram marcos significativos na definição da posição adventista. Nos próximos 25 anos a maioria dos adventistas viu o Armagedon como o último conflito entre Cristo e Satanás, alguns enfatizando a dimensão física outros a dimensão espiritual do conflito. Aqueles que enfatizavam o aspecto físico do Armagedon geralmente viam um conflito militar global na Palestina antes ou por ocasião do segundo advento, com Cristo intervindo para trazer a vitória para as forças dos justos. Aqueles que enfatizaram a dimensão espiritual viram a vindicação final de Cristo sobre os ímpios.

A Posição Atual

Desde aproximadamente 1975, menos e menos adventistas enfatizavam a interpretação militar e mais e mais enfatizavam a posição de que o conflito tem que ver com a resolução final sobre a questão do sábado/domingo — uma questão de lealdade humana a Deus ou ao inimigo.¹⁹ Chegamos, portanto, ao final do círculo. Mas há algumas exceções. Por causa das tensões atuais no oriente médio, recentemente alguns têm revertido a fazer predições de que o Armagedon envolverá um conflito colossal nessa região do mundo.

Como estudantes de profecia temos estado seguros quando atuamos como

cuidadosos exegetas da profecia bíblica e seguimos os conselhos de Ellen White. Mas quando nos aventuramos a ser profetas, não temos sido tão bem-sucedidos.

Se aprendermos da nossa história, podemos continuar a proclamar com confiança a iminência e literalidade do retorno do nosso Senhor, enquanto evitamos os enganos do nosso passado interpretativo acerca de questões secundárias. O próprio Jesus disse que um dos principais propósitos da profecia é confirmatório — assegurar aos Seus seguidores que a história humana se move definitivamente na direção de sua culminação (veja João 14:28, 29). A precaução de Tiago White, proclamada há mais de um século, é ainda relevante: “Devemos caminhar de forma tranqüila e assumir posições cuidadosamente”, quando se trata de profecias não cumpridas.²⁰ □

Donald E. Mansell serviu como missionário e editor na América Latina, Ásia e nos Estados Unidos. Autor de numerosos artigos e vários livros, reside hoje em Nampa, Idaho, Estados Unidos, onde continua a escrever e prover serviços editoriais.

Notas e Referências

1. Veja Apocalipse 16:12-16 e Daniel 11.
2. William Miller, *Evidence From Scripture and History of the Second Coming of Christ, About the Year 1843* (Troy: Kemble & Hooper, 1836), págs. 29, 185-188.
3. Joseph Bates, *The Seventh Day Sabbath* (New Bedford, MA: Press of Benjamin Lindsey, 2ª ed., 1847), pág. 60.
4. G. W. Holt, “The Day of the Lord”, *The Advent Review, and Sabbath Herald*, 23 de março, 1852, 2:105, 106. Daqui em diante *Review and Herald*.
5. Uriah Smith, “Last Great Work of Destruction”, *Review and Herald*, 20 de junho, 1854, 5:164, 165.
6. Otis Nichol, “Papacy and France”, *Review and Herald*, 20 de janeiro, 1853, 3:142.
7. Uriah Smith, “The Seven Last Plagues”, *Review and Herald*, 18 de junho, 1857, 10:53.
8. Tiago White, “The Book of Revelation”, *Review and Herald*, 3 de junho, 1862, 20:4.
9. Uriah Smith, “Will the Pope Remove the Papal Seat to Jerusalem?”, *Review and Herald*, 13 de maio, 1862, 16:192; “Pope’s House at Jerusalem”, *Review and Herald*, 3 de janeiro, 1865, 25:48.
10. Uriah Smith, *Daniel* (Battle Creek, MI: Review and Herald Pub. Assn., 1873), págs. 146, 147.
11. Uriah Smith, “The Eastern Question”, *Review and Herald*, 30 de junho, 1874, 44:24; “A Straw”, *Review and Herald*, 22 de setembro, 1874, 44:112; “The Eastern Question”, *Signs of the Times*, 3 de maio, 1877, 3:140, 141.
12. Tiago White, “Unfulfilled Prophecy”, *Signs of the Times*, 15 de novembro, 1877, 3:348. Reimpresso em *Review and Herald*, 29 de novembro, 1877, 50:172.
13. Uriah Smith, “The Coming Storm”, *Review and Herald*, 6 de junho, 1878, 51:180.
14. W. C. White, carta a John Vuilleumier, 6 de março, 1919; *Document File No. 39*. Ellen G. White Estate, Silver Spring, Md.
15. Arthur G. Daniels, “End of Turkey”, *Signs of the Times*, 11 de abril, 1916, 43:3, 4. A. G. Daniels, “Armageddon”, *The Present Truth*, 15 de novembro, 1917.
16. Paul N. Pearce, “Coming to His End”, *The Watchman Magazine*, Junho 1917, 26:10; Leon A. Smith, “Just One Political Power Left to Come to Its End”, *The Watchman Magazine*, Agosto 1917, 26:2; Claude E. Holmes, “To Drive the Sword Straight Through the Turk”, *The Watchman Magazine*, Setembro 1917, 26:20; R. F. Farley, “The Turk and Armageddon”, *Signs of the Times*, 23 de outubro, 1917, 44:5.
17. Edwin R. Thiele, “Russia Courts China”, *Signs of the Times*, 11 de dezembro, 1923, 50:1, 2, 8. Frederick Lee, “Hands Across the Pacific”, *The Watchman Magazine*, Novembro 1924, 33:20, 21, 36.
18. William E. Read, “The Great Controversy”, *Our Firm Foundation* (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1953), vol. 1, págs. 237-335.
19. Hans K. LaRondelle, *Chariots of Salvation: The Biblical Drama of Armageddon* (Hagerstown, MD: Review and Herald Pub. Assn., 1987), págs. 122-185.
20. Tiago White, “Unfulfilled Prophecy”, *Signs of the Times*, 15 de novembro, 1877, 3:348.



Veja que você errou 50% das perguntas do teste... Talvez deveria considerar a possibilidade de tornar-se um meteorologista.